

Interpretação temporal dos domínios infinitivos na construção de reestruturação do português europeu*

Anabela Gonçalves⁺, Luís Filipe Cunha^{= 1} & Purificação Silvano^{= 2}

⁺Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

⁼Centro de Linguística da Universidade do Porto

Abstract

This paper discusses evidence that the analysis of EP restructuring complex predicates must take the relation between syntactic and semantic factors into account. Thus, it is argued that the embedded infinitive is temporally dependent on the matrix tense, since only the matrix time interval can be selected as the Temporal Perspective Point of the embedded situation and the utterance time is excluded. It is also argued that in the infinitival domain a defective T with unspecified temporal features is projected. The valuation of these features proceeds by *Agree* between the matrix and the embedded T, originating only one tensed phase.

Keywords: restructuring, complex predicate, temporal dependence, defective T

Palavras-chave: reestruturação, predicado complexo, dependência temporal, T defectivo

1. Introdução

Os predicados complexos de Reestruturação são tipicamente definidos como estruturas em que um verbo principal e o verbo do seu complemento infinitivo se comportam como uma unidade sintáctica relativamente a determinados fenómenos linguísticos (Rizzi, 1982; Burzio 1986).

* Este trabalho foi realizado no âmbito do *projecto Predicados Complexos: tipologia e anotação de corpus (PREPLEXOS)*, desenvolvido no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL) e financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (PTDC/LIN/68241/2006).

¹ O autor beneficia de uma bolsa financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Programa POCI 2010.

² A autora beneficia de uma bolsa financiada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia – Programa POCI 2010.

Em Português Europeu (PE), a construção ocorre com verbos de Controlo e de Elevação, apresentando os predicados complexos desta natureza as seguintes propriedades:³

(i) Os clíticos que correspondem a argumentos do verbo encaixado podem manter-se em adjacência a este verbo (1b) ou ao verbo matriz (1c), sendo esta última possibilidade designada como Subida de Clítico.

(1) a. Os jornalistas não quiseram entrevistar o Primeiro-Ministro.

b. Os jornalistas não quiseram entrevistá-lo.

c. Os jornalistas não o quiseram entrevistar.

(ii) A construção com *se* impessoal (2a) alterna com a construção passiva de *se*, caso em que o objecto do verbo encaixado se realiza como sujeito da frase matriz (2b), construção que designaremos como Movimento Longo de Objecto, na linha de Rizzi (1982).

(2) a. Durante algum tempo, quis-se incentivar os investimentos na Banca.

b. Durante algum tempo, quiseram-se incentivar os investimentos na Banca.

(iii) A co-ocorrência de adverbiais com valores temporais distintos, afectando cada um deles um domínio distinto produz resultados agramaticais (3).⁴

(3) a. ??/*Os jornalistas, anteontem, quiseram entrevistar o Primeiro-Ministro hoje.

b. *Os jornalistas, ontem, conseguiram entrevistar o ministro hoje.

O facto de nem todos os verbos de Controlo ou de Elevação apresentarem os comportamentos ilustrados em (1)-(3) tem levado à discussão sobre as condições que determinam a formação de predicados complexos de reestruturação. Veja-se, a este respeito, o contraste entre as sequências de (1)-(3) e as de (4)-(6), que integram, como

³ Estas propriedades são inspiradas na proposta de Rizzi (1982) para o Italiano.

⁴ No que se refere à análise das relações temporais entre as situações descritas, cingimo-nos, no presente trabalho, a exemplos em que a oração principal ocorre no Pretérito Perfeito, na medida em que este é o tempo gramatical mais “neutro” em termos aspectuais e modais. Na realidade, a intervenção de outros tempos gramaticais, tais como o Pretérito Imperfeito ou o Presente do Indicativo, ao contribuir para alterações no perfil temporal interno básico da predicação, pode modificar substancialmente a interpretação final das estruturas em causa. Veja-se, a título exemplificativo, a construção em (i), em que o Imperfeito associado a *querer* permite a emergência de uma leitura modal de contra-factualidade com o Infinitivo Composto. Sublinhe-se que uma tal leitura não é possível na construção correspondente com o Pretérito Perfeito (cf. (ii)), exactamente pelo facto de este tempo gramatical preservar o perfil aspectual básico da predicação e, nessa medida, favorecer a manutenção das interpretações de índole eminentemente temporal. Dado que estamos, de momento, unicamente interessados nas relações temporais licenciadas pelas construções de reestruturação, ignoraremos os efeitos modais e aspectuais decorrentes da selecção de outros tempos gramaticais que não o Pretérito Perfeito simples.

(i) O João queria ter escrito o artigo (cf. o João não escreveu o artigo).

(ii) * O João quis ter escrito o artigo.

verbo matriz, o verbo de Controlo *prometer*, que não admite Subida de Clítico (4) nem Movimento Longo de Objecto (5), mas é compatível com a co-ocorrência de adverbais com valores temporais distintos (6):

- (4) a. Os jornalistas não prometeram entrevistar o Primeiro-Ministro.
 b. Os jornalistas não prometeram entrevistá-lo.
 c. *Os jornalistas não o prometeram entrevistar.
- (5) a. Durante algum tempo, prometeu-se incentivar os investimentos na Banca.
 b.*Durante algum tempo, prometeram-se incentivar os investimentos na Banca.
- (6) Os jornalistas, anteontem, prometeram entrevistar o Primeiro-Ministro hoje.

Para dar conta de contrastes em Italiano idênticos aos que acima se apresentam para o PE, Rizzi (1982:2) propõe uma regra de reestruturação, que se aplica opcionalmente a um conjunto restrito mas significativo de verbos principais e que transforma uma estrutura bi-oracional subjacente numa frase simples, criando um complexo verbal constituído pelo verbo matriz e pelo verbo encaixado.

Para além de questões inerentes às alterações que o quadro teórico generativista tem vindo a sofrer, a proposta de Rizzi coloca essencialmente dois problemas: (i) não explica por que razão só uma subclasse de verbos que seleccionam complementos infinitivos permite a Reestruturação (cf. (1)-(3) vs (4)-(6)); (ii) não dá conta da (aparente) opcionalidade da construção, i.e., por que razão um mesmo verbo pode desencadear ou não Reestruturação (cf. (1) e (2)).

Tendo em conta os aspectos acima referidos, os objectivos deste trabalho são os seguintes:

- (i) Defender que, na construção de reestruturação (com verbos de Controlo), existem dois domínios em que T se projecta, pelo que a estrutura é sempre bi-frásica.
- (ii) Mostrar que a capacidade que certos verbos têm para desencadear a formação de um predicado complexo de reestruturação decorre de condições sobre a interpretação temporal da situação representada no Infinitivo.
- (iii) Apresentar uma análise da reestruturação que cruze factores sintácticos com factores semânticos e que dê conta da formação de predicados complexos deste tipo.

2. T projecta-se nos complementos infinitivos de reestruturação

A classe a que pertence o verbo superior é condição necessária para a formação de predicados complexos de reestruturação (ou seja, só verbos que seleccionam completivas de infinitivo não flexionado admitem a formação deste tipo de predicados) mas não constitui uma condição suficiente. Com efeito, como se assinalou na secção anterior, verbos pertencentes à mesma classe (a dos verbos de Controlo) não apresentam o mesmo comportamento relativamente à formação de um predicado complexo. Para dar conta deste comportamento contrastivo, colocamos a seguinte hipótese:

(7) *Hipótese para a formação de predicados complexos de reestruturação*

A diferença entre os verbos que permitem reestruturação e os que não permitem decorre (i) da influência que os mesmos têm na localização da situação encaixada e (ii) das propriedades de alguns núcleos funcionais que se projectam no domínio infinitivo, mas não da classe a que o verbo pertence.

2.1. Relações temporais na construção de reestruturação

Num estudo sobre a interpretação temporal dos complementos infinitivos de verbo, Cunha & Silvano (2006) apresentam argumentos empíricos em favor da ideia de que o Infinitivo (mesmo o simples) tem traços de temporalidade, podendo contribuir para a determinação da localização das orações em que toma parte. O argumento central apresentado pelos autores é o de que, mesmo quando o verbo matriz se revela neutro em termos de influência no estabelecimento dos intervalos de tempo em que se localiza a situação encaixada, é possível atribuir uma localização específica da subordinada relativamente à predicação matriz (cf. (8)-(10); Cunha & Silvano, 2006):

(8) O terrorista afirmou transportar consigo uma bomba-relógio. (sobreposição)

(9) Uma testemunha afirmou ter visto um indivíduo armado a disparar indiscriminadamente contra reféns, pouco antes de a polícia ter iniciado o ataque. (anterioridade)

(10) O suspeito disse ir comprar o estupefaciente em Lisboa. (posterioridade)

Note-se que, nestes casos, a localização da situação encaixada só pode ser determinada através da informação temporal veiculada pelo Infinitivo. Se o Infinitivo não tivesse traços de temporalidade, numa frase como (8), em que comparece o Infinitivo simples, a situação encaixada poderia localizar-se em qualquer intervalo de tempo (anterior, sobreposto ou posterior), dado o carácter neutro do verbo matriz. Este facto poderia levar-nos a colocar a hipótese de que a construção de reestruturação está excluída quando o verbo matriz é neutro quanto ao estabelecimento dos intervalos de tempo em que se localiza a situação encaixada. Na verdade, a Subida de Clítico, critério para identificar a construção de Reestruturação, é impossível nos exemplos (8)-(10):

(11) *O terrorista afirmou-a transportar consigo.

(12) *Uma testemunha afirmou-o ter visto a disparar...

(13) *O suspeito disse-o ir comprar em Lisboa.

Porém, a hipótese enunciada só será válida se a reestruturação se verificar sempre que os verbos matriz influenciem de forma decisiva a localização temporal da eventualidade encaixada, como acontece com *querer* e *decidir*, que impõem uma leitura de posterioridade da situação encaixada, sendo, nestes casos, os traços semânticos de temporalidade associados ao Infinitivo preteridos em relação às restrições impostas pelo verbo matriz.

(14) a. O João quis escrever o artigo.

b. O João decidiu escrever o artigo.

- (15) a. *O João quis ter escrito o artigo.
 b. *O João decidiu ter escrito o artigo.

Contudo, os dois verbos referidos apresentam comportamentos distintos relativamente à reestruturação, o que inviabiliza a hipótese de esta construção ser sempre possível com verbos que influenciem a localização temporal da eventualidade encaixada. Com efeito, apenas o verbo *querer* ocorre em construções de reestruturação, como se conclui do contraste entre (16) e (17), em que se utiliza a Subida de Clítico como critério para identificar sequências reestruturadas:

- (16) O João não o quis escrever.
 (17) *O João não o decidiu escrever.

Apesar de ambos os verbos influenciarem de forma semelhante a localização da situação encaixada (leitura de posterioridade), as orações subordinadas a estes verbos manifestam comportamentos algo distintos no que diz respeito aos mecanismos de dependência temporal.

O conceito de dependência temporal aqui adoptado resulta da articulação das noções de domínio temporal (Declerck 1991) e de ponto de perspectiva temporal (PPT; Kamp e Reyle (1993). O PPT é o intervalo de tempo a partir do qual uma dada situação é perspectivada; o domínio temporal é o intervalo de tempo ocupado por uma situação, ou conjunto de situações temporalmente relacionadas umas com as outras. Assim, há dependência temporal entre duas situações quando estas partilham o mesmo domínio temporal. Nestes casos, o PPT da situação encaixada é o intervalo de tempo em que se localiza a situação matriz (Silvano 2002).

Ora, nas construções que envolvem verbos que podem desencadear reestruturação, como em (16), a situação encaixada é obrigatoriamente integrada no domínio temporal criado pela situação matriz. Portanto, o seu PPT é sempre o intervalo de tempo em que se localiza a situação matriz, tendo, na generalidade, uma interpretação de futuro relativamente ao evento descrito na matriz (18a) ou uma interpretação de sobreposição (18b).⁵

- (18) a. O jurista quis rever a lei.
 b. O Pedro conseguiu abrir a porta.

O complemento infinitivo é, assim, temporalmente dependente do domínio superior e apenas deste:

(i) por um lado, a localização temporal do evento descrito no domínio encaixado depende das especificações temporais do domínio matriz, pelo que o primeiro não pode conter informação temporal independente das especificações temporais do segundo (cf. Newmeyer, 1975, para verbos de Elevação do Inglês e Gonçalves, 1999, para verbos de Controlo e de Elevação do PE).

⁵ A este respeito, vejam-se Stowell (1982); Gonçalves (1999); Silvano (2002) e Cunha & Silvano (2006).

(ii) Por outro lado, a subordinada não é localizável relativamente ao momento da enunciação.

Em virtude do que é enunciado em (i), a formação de um predicado complexo não se verifica quando o verbo matriz não fixa a localização temporal da encaixada, que tem uma interpretação independente – de sobreposição (19), de anterioridade (20) ou de posterioridade (21).

(19) *O terrorista afirmou-a transportar consigo.

(20) *Uma testemunha afirmou-o ter visto a disparar ...

(21) *O suspeito disse-o ir comprar em Lisboa.

Verifica-se, no entanto, reestruturação quando o verbo matriz condiciona a interpretação da subordinada, como em (22).

(22) Os jornalistas não o quiseram entrevistar.

Em virtude do que é enunciado em (ii), é possível distinguir entre verbos que, pertencendo à mesma classe sintáctica e fixando a interpretação temporal do domínio infinitivo, apresentam comportamentos distintos no que diz respeito à formação do predicado complexo (*querer* vs. *decidir*):

(23) a. Os jornalistas quiseram entrevistar o Ministro no dia seguinte.

b. *Os jornalistas quiseram entrevistar o Ministro amanhã.⁶

c. Os jornalistas quiseram-no entrevistar.

(24) a. Os jornalistas decidiram entrevistar o Ministro no dia seguinte.

b. Os jornalistas decidiram entrevistar o Ministro amanhã.

c. *Os jornalistas decidiram-no entrevistar.

Como os exemplos (23) e (24) mostram, os verbos *querer* e *decidir* determinam ambos a leitura de posterioridade do infinitivo (cf. (23a), (24a)). Contudo, no primeiro caso, o PPT da subordinada é apenas o intervalo de tempo em que se localiza a situação matriz, não sendo admitidos adverbiais associados ao momento da enunciação, como *amanhã* (23b), mas, no segundo caso, a subordinada pode ser também localizada relativamente ao momento da enunciação (24b). Esta diferença é crucial no que diz respeito à reestruturação, uma vez que apenas o verbo *querer* a admite (cf. (23c) vs (24c)).

Assim, enquanto em construções que integram verbos que podem envolver reestruturação o único intervalo de tempo que pode ser seleccionado como PPT da situação encaixada é o da situação matriz, mantendo-se estritamente o mesmo domínio temporal, em estruturas com verbos em que a reestruturação nunca ocorre, essa obrigatoriedade não se verifica. Nestes contextos, o PPT da situação encaixada pode incluir, para além do tempo da situação matriz, o momento de enunciação. É o que se verifica no exemplo (24b): o PPT da situação encaixada inclui tanto o intervalo de tempo em que se localiza a

⁶ Se o PPT da situação encaixada e o momento da enunciação coincidirem, o resultado é gramatical:

(i) O João quer ir ao cinema amanhã.

situação matriz como o momento de enunciação. Neste sentido, este tipo de frases recebe uma leitura até certo ponto aproximada das frases de duplo acesso (cf, Oghiara 1996; Abusch 1997), na medida em que a localização da situação encaixada supõe a intervenção de dois intervalos de tempo distintos. As frases em que a situação representada pelo verbo matriz condiciona a localização da eventualidade encaixada, como acontece com as frases com o verbo *decidir* têm as seguintes características:

(i) a relação entre o tempo da situação encaixada e o da situação matriz é obrigatoriamente de posterioridade;

(ii) a relação entre o tempo da situação encaixada e o momento da enunciação pode ter três valores: anterioridade, sobreposição e posterioridade.

Esta caracterização explica a anomalia semântica de exemplos como (25), na medida em que a primeira parte não se verifica:

(25) *Amanhã, o João vai decidir escrever o artigo ontem.

Em síntese, os dados apresentados e discutidos nesta secção permitem concluir que a reestruturação só funciona quando se verifica dependência temporal, ou seja, quando o PPT da situação encaixada é unicamente o intervalo de tempo em que se localiza a situação superior, não podendo aquela situação ser localizável a partir do momento da enunciação. Note-se que esta caracterização do PPT da situação encaixada é válida para todos os casos em que se verifica a dependência temporal atrás ilustrada e permite distinguir os verbos que podem desencadear reestruturação dos que não podem fazê-lo. No entanto, como mostrámos anteriormente, todos os verbos que admitem reestruturação podem ocorrer numa variante não reestruturada (cf. (1b), (2a)). Assim, embora a condição de dependência temporal discutida nesta secção seja crucial para caracterizar os potenciais desencadeadores de reestruturação, não explica por que razão, com o mesmo verbo, estão disponíveis duas estratégias (com ou sem reestruturação). Trata-se, pois, de uma condição necessária mas não suficiente, pelo que, na secção seguinte, procuraremos mostrar que a reestruturação é também determinada por factores de natureza sintáctica.⁷

2.2. A projecção de T encaixado defectivo na construção de reestruturação

Dados como os apresentados na secção 1 e repetidos em (26)-(28) parecem sugerir que, na construção de Reestruturação, o verbo matriz forma uma unidade sintáctica com o verbo do complemento matriz, na linha da proposta de Rizzi (1982) para o Italiano, o que pode levar a colocar a hipótese de que, nesta construção, existe apenas um domínio frásico.

⁷ Não abordaremos neste trabalho as construções correspondentes com tempos finitos na oração subordinada, dado que, por um lado, em tais configurações, não se verifica nunca reestruturação, ao nível sintáctico, e, por outro lado, a análise temporal em termos semânticos dos diferentes contextos implicaria um estudo que não cabe neste trabalho. De facto, o que nos interessa neste momento é a caracterização sintáctica e semântica de estruturas em que a reestruturação ocorre.

(26) Todos os jornalistas o quiseram entrevistar.

(27) Durante algum tempo, quiseram-se incentivar os investimentos na Banca.

(28) ??/*Os jornalistas, antontem, quiseram entrevistar o Primeiro-Ministro hoje.

Dados idênticos do Alemão e do Italiano estão na base das propostas de Wurmbrand (2001, 2004, 2006) e Cinque (2004, 2006), que consideram que, nestas línguas, T não se projecta nos complementos infinitivos de reestruturação, o que capta os efeitos de dependência temporal também assinalados para o PE.

No entanto, os dados da secção 2.1 e a possibilidade de Subida de Clítico se poder aplicar nos casos em que o domínio infinitivo exhibe marcas temporais próprias (29) – cf. Gonçalves & Matos (2009) – revelam que, na construção em análise estão envolvidas duas situações distintas, localizáveis em intervalos de tempo coincidentes ou não.

(29) Hoje ele não te quer [ver amanhã].

Se considerarmos que os núcleos funcionais que se projectam têm de ser relevantes não só do ponto de vista sintáctico como também do ponto de vista semântico, no sentido em que são o *locus* da estrutura temporal/aspectual (Chomsky 2001:9), então, defendemos que, em PE, T se projecta mesmo quando são visíveis efeitos de reestruturação.

A projecção de T encaixado pode, no entanto, colocar alguns problemas, nomeadamente no que diz respeito à Subida de Clítico. Com efeito, assumir a projecção de T é aparentemente contraditório com o facto de, quando se verifica reestruturação, os clíticos seleccionados pelo verbo encaixado se realizarem em adjacência ao verbo superior. Com efeito, assumimos que esses clíticos (i) são caracterizados como feixes de traços- ϕ (Déchaine & Wiltschko 2002; Duarte *et al.* 2005), que devem ser sondados no domínio vP ; (ii) têm um estatuto deficitário (quer fonológico quer sintáctico), pelo que requerem um hospedeiro específico e (iii) só são legítimos em domínios em que T se projecta (Duarte & Matos, 2000; Martins, 2000)⁸. Assim, projectando-se T no domínio encaixado, os clíticos deveriam ser legitimados internamente a esse domínio, o que excluiria a sua subida para a matriz.

Consideremos, no entanto, na linha de Gonçalves (1999), que T encaixado, em contextos de reestruturação é defectivo. Se assim for, não só se explica a Subida de Clítico como também os outros fenómenos associados à reestruturação:

(i) dado que em PE os clíticos são feixes de traços- ϕ , sendo sondados e atraídos por T activo, a Subida de Clítico é obrigatória em contextos de Reestruturação;

(ii) em construções com *se* passivo, o DP Objecto lógico do verbo encaixado e sujeito do verbo matriz é sondado e atraído por T matriz, a fim de que os seus traços- ϕ sejam marcados para apagamento;

⁸ Veja-se a agramaticalidade da ocorrência de clíticos em orações participiais e em domínios participiais e gerundivos seleccionados por verbos auxiliares, projecções de AspP.

(iii) quando T encaixado é defectivo, não legitima Neg, pelo que o operador de negação frásica não ocorre no domínio encaixado⁹.

Assumimos, assim, a seguinte caracterização de T encaixado, nos contextos de Reestruturação (Gonçalves & Matos, 2009, inspirado em Gonçalves, 1999):

(30) T em complementos infinitivos de reestruturação

(i) Tem traços-T não valorados (Pesetsky & Torrego 2001, 2004; Duarte *et al.* 2005; Ambar 2007), sendo o seu valor fixado por T matriz. – ver secção 3.2.

(ii) É sintacticamente defectivo, pelo que não pode apagar os traços do alvo, dado que *Agree* só opera quando a sonda e o alvo são ambos activos (Chomsky 2001: 6).¹⁰

2.3. Argumentos adicionais para a projecção de T encaixado defectivo na construção de reestruturação

A distribuição complementar entre reestruturação e Anáfora do Complemento Nulo (NCA), por um lado, e a correlação entre *Scrambling* de média distância (SMD) com advérbios locativos e reestruturação constituem dois argumentos adicionais em favor da projecção de T defectivo no domínio infinitivo de reestruturação.

Relativamente à primeira questão, Gonçalves & Matos (2009) apresentam evidência para o facto de, em PE, quando a reestruturação opera, NCA ser impossível, como ilustrado em (31b):

(31) a. Ela não as podia ver e ele não queria __.

b. *Ela não as podia ver e ele não as queria __.

(Gonçalves & Matos, 2009:115; ex. (20))

Partindo da proposta de Cyrino & Matos (2006), segundo a qual o constituinte nulo em NCA é reconstruído como CP,¹¹ pelo que se constitui como um domínio T completo pelo menos no nível de interpretação semântica, Gonçalves & Matos derivam naturalmente a distribuição complementar entre reestruturação e NCA:

(i) os verbos que legitimam NCA seleccionam domínios TP com T activo;

(ii) os verbos que legitimam reestruturação seleccionam domínios TP com T inactivo.

Assim, diferentes propriedades de selecção dão conta da agramaticalidade de sequências como (31b): quando o domínio encaixado é uma projecção de T activo, NCA é possível, mas a reestruturação não se verifica, o que permite concluir que, nesta última construção, T tem de ser defectivo.

⁹ Sobre a correlação entre T e negação frásica ver Zanuttini (1996), Matos (1999) e Matos & Cyrino (2001).

¹⁰ Esta caracterização segue Chomsky (2001), de acordo com o qual T_{def} é ϕ -incomplete, não estando, por isso, activo para a operação *Agree*.

¹¹ Para uma análise em certa medida distinta, ver Santos (2006).

Por sua vez, Costa & Martins (2009) mostram que existe em PE uma correlação entre *Scrambling* de média distância (SMD) com advérbios locativos e reestruturação. Ao considerarem a distribuição do advérbio locativo *lá*, os autores mostram que o mesmo ocorre em posição pré-verbal nos contextos em que os pronomes clíticos são proclíticos (32)¹² e posição pós-verbal nos contextos em que os pronomes clíticos são enclíticos (33):

- (32) a. Eu nunca/já estive *lá*.
 b. Eu nunca/já *lá* estive. (*op. cit.*: 228; ex. (7))

- (33) a. Eu estive *lá*.
 b. *Eu *lá* estive. (*id.*, ex. (8))

Na análise dos autores, SMD só é possível na ausência de Σ e na presença de T defectivo. Logo, em contextos de complementação infinitiva, SMD só é possível (embora não obrigatória) se a reestruturação ocorrer (34); verbos que não admitem reestruturação não admitem SMD do locativo (35):

- (34) *Ela quer (sempre) *lá* ir.
 (35) *Eu lamento *lá* trabalhar.

3. A formação do predicado complexo

Nas secções anteriores, mostrámos que a formação de predicados complexos de reestruturação só é possível se as duas condições seguintes se verificarem: (i) o domínio encaixado é temporalmente dependente do domínio matriz; (ii) T encaixado é defectivo.

Importa, agora, saber como se formam estes predicados. O facto de os efeitos associados à reestruturação (Subida de Clítico, Movimento Longo de Objecto, entre outros) serem visíveis antes de *Spell-Out* leva-nos a assumir que a reestruturação opera em Sintaxe explícita.

De acordo com os dados anteriormente apresentados, nos contextos em análise, T encaixado é defectivo, ou seja, [-activo], pelo que consideramos que se trata de um núcleo subespecificado quanto a traços temporais. Nesta medida, para que a derivação seja legítima, os traços de T encaixado têm de ser valorados, dado que, se assim não acontecer, a estrutura não é legítima no nível de interpretação semântica. Dado que T matriz é activo e contém traços temporais, qualifica-se como sonda para a valoração dos traços de T encaixado; esta valoração procede por *Agree* entre os dois nós e dá conta dos efeitos de dependência temporal. Dado que os traços de T defectivo são valorados ainda na componente sintáctica, este núcleo é adequadamente mapeado na componente semântica, uma vez que, nesta componente, possui todos os traços necessários para a devida interpretação temporal.

¹² Embora, no caso do locativo, a posição pré-verbal não seja obrigatória, como notam os autores.

O facto de *Agree* operar entre os dois nós T determina a constituição de uma única fase temporalizada (Gonçalves & Matos, 2009). Assim, a reestruturação é, na realidade, a formação de uma cadeia-T, em que apenas a cabeça (T matriz) é activa, o que explica os fenómenos associados à reestruturação.

4. Conclusões

Mostrámos neste trabalho que a reestruturação em PE não é um fenómeno que afecta arbitrariamente os verbos que seleccionam completivas infinitivas, sendo antes determinado por:

(i) condições sobre a interpretação temporal da situação representada no Infinitivo;

(ii) propriedades do núcleo T encaixado.

Relativamente à primeira questão, defendemos que nas construções de Reestruturação o único intervalo de tempo que pode ser seleccionado como PPT da situação encaixada é o da situação matriz, mantendo-se estritamente o mesmo domínio temporal; neste caso, o PPT da situação encaixada não pode incluir, para além do tempo da situação matriz, o momento de enunciação.

Relativamente à segunda questão, assumimos, na linha de Gonçalves (1999), que o núcleo T se projecta no domínio encaixado. Sendo subespecificado quanto a traços temporais, a derivação só é legítima se T matriz valorar os referidos traços de T encaixado, por *Agree*. Os dois núcleos verbais ocorrem, assim, na mesma fase temporalizada, formando um predicado complexo, o que dá conta dos efeitos associados à reestruturação.

Referências

- Abusch, Dorit (1997) Sequence of Tense and Temporal De Re. *Linguistics and Philosophy* 20 (1), pp. 1-50.
- Ambar, Manuela (2007) Verb Movement and Tense – EPP and T-Completeness. In M. Cecilia Picchi & Alan Pona (orgs.). *Proceedings of the XXXII Incontro di Grammatica Generativa*. Alessandria: Edizioni dell’Orso, pp. 1-20.
- Burzio, Luigi (1986) *Italian Syntax: A Government-Binding Approach*. Dordrecht: Kluwer.
- Chomsky, Noam (2001) Derivation by Phase. In Michael Kenstowicz (org.) *Ken Hale: a Life in Language*. Cambridge, Massachusetts: The MIT Press, pp. 1-52.
- Cinque, Guglielmo (2004) “Restructuring” and functional structure. In Adriana Belletti (org.) *Structures and beyond. The Cartography of syntactic structures*, vol. 3. Oxford: OUP, pp. 132-191.
- Cinque, Guglielmo (2006) Restructuring and Functional Heads. *The Cartography of Syntactic Structures*, vol. 4. Oxford: OUP.

- Costa, João & A. M. Martins (2009) Scrambling de Média Distância com Advérbios Locativos no Português Contemporâneo. In Alexandra Fiéis & M. Antónia Coutinho (orgs.) *Textos Seleccionados do XXIV Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 225-237.
- Cyrino, Sonia & Gabriela Matos (2006) Null Complement Anaphora in Romance: Deep Or Surface Anaphora?. In Jenny Doetjes, & Paz González (orgs.). *Romance Languages and Linguistic Theory 2004*. Amsterdão: John Benjamins, pp. 95-120.
- Cunha, Luís Filipe & Purificação Silvano (2006) A Interpretação Temporal dos Infinitivos em Orações Completivas de Verbo. In Fátima Oliveira & Joaquim Barbosa (orgs.) *Textos seleccionados do XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*. Lisboa: APL, pp. 303-314.
- Déchainé, Rose-Marie & Martina Wiltschko (2002) Decomposing Pronouns. *Linguistic Inquiry* 33(3), pp. 409-442.
- Declerck, Renaat (1991) *Tense in English: Its Structure and Use in Discourse*. Londres e Nova Iorque: Routledge.
- Duarte, Inês & Gabriela Matos (2000) Romance Clitics and the Minimalist Program. In João Costa (org.). *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. Oxford & New York: Oxford University Press, pp. 116-142.
- Duarte, Inês, Gabriela Matos & Anabela Gonçalves (2005) Pronominal Clitics in European and Brazilian Portuguese. *Journal of Portuguese Linguistics* 4(2), pp. 113-141.
- Gonçalves, Anabela (1999) *Predicados Complexos Verbais em Contextos de infinitivo não Preposicionado*. Dissertação de Doutoramento, Universidade de Lisboa.
- Gonçalves, Anabela & Gabriela Matos (2009) Ellipsis and Restructuring in European Portuguese. In Enoch O. Aboh, Elisabeth van der Linden, Josep Quer & Petra Sleeman (orgs.). *Romance Languages and Linguistic Theory 2007*. Amsterdão: John Benjamins, pp. 109-129.
- Kamp, Hans & Uwe Reyle (1993) *From Discourse to Logic: Introduction to Modeltheoretic Semantics of Natural Language, Formal Logic and Discourse Representation Theory*. Dordrecht, Kluwer Academic Publishers.
- Martins, Ana Maria (2000) A Minimalist Approach to Clitic Climbing. In João Costa, (org.). *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*. Oxford & New York: Oxford University Press, pp.169-190.
- Matos, Gabriela (1999) Negative Concord and the Scope of Negation. *Catalan Working Papers in Linguistics* 7, pp. 175-190.
- Matos, Gabriela & Sonia Cyrino (2001) Elipse do VP no Português Europeu e no Português Brasileiro. In M. Elias Soares (org.) *Boletim da Associação Brasileira de Linguística*, v. 26. Número especial: II Congresso Internacional da Abralín, Fortaleza: Imprensa Universitária/UFC, pp. 386-390.
- Newmeyer, F. J. (1975) *English Aspectual Verbs*. Haia: Mouton.
- Ogihara, Toshiyuki (1996) *Tense, Attitudes and Scope*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers.

- Pesetsky, David & Esther Torrego (2001) T-to-C Movement: Causes and Consequences. In Michael Kenstowicz (org.) *Ken Hale: A Life in Language*. Cambridge, Mass: The MIT Press, pp. 355-426.
- Pesetsky, David & Esther Torrego (2004) Tense, Case and Syntactic Categories. In Jacqueline Guéron & Jacqueline Lecarme (orgs.). *The Syntax of Time*. Cambridge, Mass: The MIT Press, pp. 495-537.
- Rizzi, Luigi (1982) *Issues in Italian Syntax*. Dordrecht: Foris.
- Santos, Ana Lúcia (2006) *Minimal Answers. Ellipsis, Syntax and Discourse in the Acquisition of European Portuguese*. Dissertação de Doutorado, Universidade de Lisboa.
- Silvano, Purificação (2002) *Sobre a semântica da sequência de tempos em Português Europeu. Análise das relações temporais em frases complexas com completivas*. Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho.
- Stowell, Tim (1982) The Tense of Infinitives. *Linguistic Inquiry* 13(4), pp. 561-570.
- Wurmbrand, Susi (2001) *Infinitives. Restructuring and Clause Structure*. Berlin: Mouton de Gruyter.
- Wurmbrand, Susi (2004) Two types of restructuring – Lexical vs. functional. *Lingua* 114, pp. 991-1014.
- Wurmbrand, Susi (2006) Verb Clusters, Verb Raising and Restructuring. In Martin Everaert & Henk Van Riemsdijk (orgs.) *The Blackwell Companion to Syntax*, vol. V. Oxford: Blackwell, pp. 229-343.
- Zanuttni, Raffaella (1996) On the Relevance of Tense for Sentential Negation. In Adriana Belletta & Luigi Rizzi (orgs.) *Parameters and Functional Heads*. Oxford: Oxford University Press, pp. 181-207